



IDENTIDADE CHICANA EM *THE HOUSE ON MANGO STREET*, DE SANDRA CISNEROS

<https://doi.org/10.32988/rep.v2n9.1209>

Lidiane Lessa de Jesus Santos¹
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
(lilessa@outlook.com)

Resumo: O presente trabalho propõe a análise da obra *The house on Mango Street*, da autora chicana Sandra Cisneros. O intuito da pesquisa é investigar a influência exercida pelos construtos de gênero estabelecidos pela cultura chicana na formação da identidade da protagonista do romance. Por se tratar de um sujeito culturalmente híbrido e em desenvolvimento, a trajetória de Esperanza oferece um amplo leque de questionamentos que serão discutidos ao longo do texto com o aporte teórico de autores que investigam questões de identidade e questões gênero, como Stuart Hall, Gayatri Spivak, e Gloria Anzaldúa.

Palavras-chave: Identidade; Diferença; Gênero; Estudos Culturais.

CHICANA IDENTITY IN *THE HOUSE ON MANGO STREET*, OF SANDRA CISNEROS

Abstract: The present work proposes the analysis of *The House on Mango Street* by the Chicana author Sandra Cisneros. The aim of the research is to investigate the influence exerted by the gender constructions established by the Chicano culture in the formation of the identity of the protagonist of the novel. As she is a culturally hybrid subject in development, Esperanza's trajectory offers a wide range of questions that will be discussed throughout the text with the theoretical contribution of authors who investigate identity issues and gender issues, such as Stuart Hall, Gayatri Spivak, e Gloria Anzaldúa.

Keywords: Identity; Difference; Gender; Cultural Studies.

IDENTIDAD CHICANA EN *THE HOUSE ON MANGO STREET*, DE SANDRA CISNEROS

Resumen: El presente trabajo propone un análisis de la obra *The House on Mango Street*, de la autora chicana Sandra Cisneros. El objetivo de este trabajo es investigar la influencia ejercida por las construcciones de género establecidas por la cultura chicana en la formación de la identidad del la protagonista de la novela. Como es un sujeto culturalmente híbrido y en maduración, la trayectoria de Esperanza ofrece una amplia gama de preguntas que se discutirán a lo largo del texto con la contribución teórica de los autores que investigan cuestiones de identidad e género, como Stuart Hall, Gayatri Spivak y Gloria Anzaldúa.

Palabras claves: Identidad; Diferencia; Género; Estudios Culturales.

Conforme a crítica feminista tem demonstrado, a literatura de autoria feminina é um instrumento importante para desmistificar as construções ideológicas estabelecidas pela supremacia masculina. Ao fazê-lo, atua também como meio para

¹ Graduada em Letras Português/Inglês pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).



o empoderamento da mulher, uma vez que colabora para dar voz a um grupo que sofre com a desigualdade social baseada na distinção entre os sexos. A análise das relações de gênero nos estudos literários, com o suporte dos estudos culturais, gera reflexões críticas que têm o poder de ultrapassar o imaginário e alterar a realidade em que vivemos.

The House on Mango Street, publicada em 1984, foi a primeira obra de destaque da autora mexicano-americana Sandra Cisneros. A obra tem como protagonista e narradora a pré-adolescente Esperanza Cordero e a acompanha através de sua jornada de autodescoberta durante um ano em que é forçada a amadurecer e traçar planos para o futuro. Esperanza apresenta ao leitor uma gama de personagens femininas que enfrentam desafios recorrentes no cotidiano das mulheres na opressora e patriarcal comunidade chicana. A narrativa exerce uma crítica ao papel que as mulheres ocupam no âmbito familiar e social da comunidade.

Esperanza almeja realizar dois grandes desejos que a acompanham durante a narrativa: o desejo por um novo nome “Eu gostaria de batizar a mim mesma com outro nome, um nome mais parecido com o meu verdadeiro eu” (CISNEROS, 1984, p.11; tradução nossa)² e o desejo por uma casa própria “Não a casa de um homem. Nem a casa de um pai. Uma casa só minha” (CISNEROS, 1984, p.108; tradução nossa)³. Tais desejos relacionados com os sentimentos conflitantes de Esperanza, com as ideias de ser e pertencer, refletem a busca da protagonista por sua própria identidade como mulher e como integrante de uma comunidade de imigrantes marginalizada.

A questão da identidade tem sido profundamente estudada, destacadamente no campo dos estudos culturais. A popularidade do tema reflete uma preocupação com a crise das identidades modernas, postas em xeque em decorrência da alteração dos sistemas de representação simbólicos que outrora orientavam o mundo social, fazendo-as entrar em declínio. Como resultado do desequilíbrio nas paisagens culturais de raça, etnia, classe, gênero e sexualidade,

²“I would like to baptize myself under a new name, a name more like the real me.”

³“not a man’shouse. Not a daddy’s. A house all my own.”

as velhas identidades em crise fizeram com que surgissem novas identidades que têm por objetivo atender às necessidades do sujeito moderno, pleno de questões não resolvidas, anseios e carências que o torna fragmentado.

A ideia de que o sujeito estivesse preso a uma identidade fundamental, invariável e centrada, que definiria sua vida desde o nascimento até sua morte, tornou-se obsoleta. Não há espaço para um sujeito enraizado e imutável na modernidade. Por mais resistentes que alguns valores e símbolos possam se mostrar, ao entrarem em contato com as novas demandas culturais e sociais, eles já não conseguem permanecer estáticos, são forçados, lentamente, a adaptar-se às transformações dos tempos; pois a modernidade segundo Harvey (apud HALL, 2005, p. 16) implica “um rompimento impiedoso com toda e qualquer condição procedente”, que se caracteriza como um processo infinito de “rupturas e fragmentações”.

A globalização e as ondas migratórias são as maiores razões para a crise das identidades. As sociedades estão interagindo com valores e tradições diferentes e muitas vezes opostas, em um cenário em que devem aprender como coexistir. Nesse novo cenário, as culturas são mistas e o sujeito é híbrido, fragmentado. As noções de classe, nacionalidade, etnia, raça, gênero e sexualidade já não fornecem uma base concreta em que o indivíduo possa se estruturar; tornam-se noções flutuantes, que estão sempre em xeque, sendo constantemente desconstruídas e questionadas. Em meio a esse caos da identificação, surge o sujeito pós-moderno, a mais dinâmica das concepções de identidade propostas por Hall (2005), por advir da mobilidade e transitoriedade.

Said (2011, p. 5) argumenta que a associação, muitas vezes agressiva, da cultura à nação ou ao Estado cria um distanciamento entre os povos à medida que se orientam pela diferença entre o “nós” e o “eles”. Spivak (apud VICHENSING, 2018 p. 2) refere-se a esse discurso oposicional entre o “nós” e o “eles” como *othering*, um processo criado pelo discurso colonial de criação de fronteiras entre o indivíduo que está dentro e o que está fora de um determinado grupo social. Este sistema é alimentado por leis e princípios que traçam uma barreira entre um grupo e



os outros. Para Said (2011), essa distância tem sempre algum grau de xenofobia. Essa visão subjetiva de cultura serviria como justificativa para os regimes imperialistas de dominação, ao atribuírem um caráter de superioridade ao “nós”, que de alguma forma proporcionaria o direito à subjugação do Outro, compreendido como inferior. Said argumenta que, em razão do imperialismo, “todas as culturas estão mutuamente imbricadas; nenhuma é pura e única, todas são híbridas, heterogêneas, extremamente diferenciadas, sem qualquer monolitismo” (SAID, 2011, p. 19).

Se por um lado as nações se tornaram heterogêneas, ao se aproximarem, também passaram, de certa forma, a possuir mais valores em comum, caminhando para um movimento de “homogeneização” das massas. Os indivíduos passaram a compartilhar o traço de mestiçagem cultural, que torna mais difícil o seu processo de identificação com os valores tradicionais das suas culturas nacionais, e proporciona a independência do sujeito desses símbolos. Por outro lado, essa mudança nada tem de unificadora, pois contribui para a fragmentação do pensamento coletivo necessário para que se articule uma cultura nacional estável. Para Bhabha (apud DIAS e NASCIMENTO, 2014 p.2) o hibridismo:

é o sentimento de superioridade em relação aos colonizados e, de inferioridade em relação aos colonizadores como sendo a experiência da ironia, na qual dois sistemas de valores e verdades, se relativizam, se questionam, se sobrepõem, fazendo com que a duplicidade e a ambiguidade sejam fortes características de comportamento.

O hibridismo é o que define a identidade chicana da protagonista de *The House on Mango Street*. Como mexicana e americana e pertencente a uma comunidade interseccional localizada entre fronteiras invisíveis, Esperanza experimenta essa dualidade e todos os desafios que a acompanham. A identidade de Esperanza sofre com essa dualidade, que se manifesta até em seu próprio nome, que adquire um significado distinto em cada uma das culturas em que a protagonista



transita “Em inglês meu nome significa esperança. Em espanhol significa letras demais” (CISNEROS,1984, p.10; tradução nossa)⁴.

A identidade chicana foi forjada em um ambiente entre fronteiras físicas e metafísicas, no qual há uma complicada relação de dependência e rejeição. A comunidade hispânica nos Estados Unidos é extensa e extremamente heterogênea, pois é formada por grupos latinos com origens e culturas distintas. Cada um desses grupos étnicos possui a própria comunidade dentro do território estadunidense e, dentro dela, busca formas de manter sua cultura natal e exercer sua pluralidade, como um modo de preservação de sua identidade cultural.

Por fazer parte da comunidade chicana, a protagonista está inserida em um ambiente no qual tem de lidar com a delicada relação entre as culturas estadunidense e mexicana resultante do Tratado de Guadalupe Hidalgo em 1848. O tratado cedia parte do território mexicano aos Estados Unidos e, embora houvesse uma promessa de tornar os residentes dessas áreas cidadãos norte-americanos com plenos direitos, o acordo não foi cumprido. A esses indivíduos coube a condição de povo colonizado e de sujeitos marginalizados confinados aos *barrios*, estabelecendo uma fronteira invisível e dolorosa entre ambos. Foram também forçados a abandonar sua língua materna e abrir mão de sua independência política e econômica. Parte da identidade cultural dos chicanos foi tomada pela cultura dominante, e uma barreira étnica e cultural foi levantada.

Como afirma Carreira (2017), “a condição de cidadãos de um país estrangeiro que, entretanto, não os aceitava como tal, levou os mexicanos que viviam no território anexado a se refugiarem nas suas tradições” (2017, p.125). Os chicanos foram forçados a evadir para os centros urbanos, onde formaram os *barrios*, lá encontraram um refúgio no qual sua cultura poderia ser protegida. No *barrio* se encontravam os grupos marginalizados e invisíveis socialmente, logo, tornando-se áreas de exclusão social, pobreza extrema e criminalidade, onde a divisão social é explícita (NEZ, 2016).

⁴“In English my name means hope. In Spanish it means too many letters”



Carlos Monsiváis (apud DEAR & BURRIDGE) estabelece o conceito de *La frontera portátil*, ou fronteira portátil, que diz respeito ao fato de a fronteira simbólica entre os anglo-americanos e chicanos, e mesmo entre outros grupos étnicos hispânicos e imigrantes, ser algo que esses indivíduos carregam consigo. Glória Anzaldúa (1987), ao falar sobre a divisão social e a marginalização imposta aos chicanos, expõe as feridas emocionais resultantes dessa divisão, que torna os chicanos forasteiros em seu próprio país, como ilustrado na passagem a seguir. O sentimento causado pela barreira simbólica é o de inadequação e rejeição:

Fronteiras são estabelecidas para definir lugares que são seguros e lugares que não são, para distinguir nós e eles. Uma fronteira é uma linha estreita, ao longo de uma borda íngreme. Uma fronteira é um lugar vago e impreciso criado pelo resíduo emocional de um limite não natural. Um constante estado de transição. O proibido e o não permitido são seus habitantes (ANZALDÚA, 1987, p.3, tradução nossa)⁵.

Apesar da tentativa de reclusão dos mexicanos dentro de sua cultura, o contato com a cultura estadunidense não pode ser evitado, resultando, assim, num processo de aculturação. A identidade de um indivíduo, como já abordada sofre constantes alterações ao longo de sua vida, e o processo de trocas culturais decorrentes da interação com uma outra cultura é um exemplo. A princípio, o processo de aculturação adotado pelos chicanos foi o da separação, porém havia uma forte imposição da cultura norte-americana. A tentativa de supressão da cultura mexicana nesses indivíduos acarretou o desenvolvimento de um sentimento de vergonha pela metade mexicana de sua identidade,

uma espécie de rebaixamento do sentimento do próprio valor; o sujeito que se envergonha de si mesmo na experiência do rechaço de sua ação, sabe-se como alguém de valor social menor do que havia suposto (HONNETH apud BERLATTO 2009 p. 143).

⁵“Borders are set up to define the places that are safe and unsafe, to distinguish us from them. A border is a dividing line, a narrow strip along a steep edge. A borderland is a vague and undetermined place created by the emotional residue of an unnatural boundary. It is in a constant state of transition. The prohibited and forbidden are its inhabitants.”



Como forma de autopreservação, as comunidades, às vezes, reagem ressuscitando valores mais conservadores, como ilustrado por Carreira:

A cultura chicana é uma cultura de fronteira, patriarcal em sua essência e sedimentada em pressupostos morais e sociais que determinam uma hierarquia misógina. Como uma forma de autoproteção, as comunidades chicanas desenvolvem uma dinâmica familiar que dificulta o contato com a sociedade dominante, que, por sua vez, também exclui os chicanos de uma participação efetiva na tessitura social (CARREIRA, 2017, p. 125).

As concepções sobre o que é ser um homem ou uma mulher estão relacionadas à forma como esses gêneros são definidos pela sociedade. O lugar que os papéis de gênero ocupam na sociedade influencia diretamente no desenvolvimento psicológico do sujeito, no seu comportamento, na sua linguagem e nas interações que ele desempenha em sociedade. O gênero é uma concepção cultural e histórica, em que um conjunto de valores define os significados que os indivíduos devem construir em suas relações sociais. Esse discurso é transmitido e repetido em cada módulo cultural e põe sempre a mulher na condição de subalterna. Anzaldúa (1987) afirma que a cultura é escrita por quem tem poder: o homem. Segundo Spivak (1989)

o poder não é uma instituição, não é uma estrutura; tampouco é uma certa força com a qual alguém é investido; ele é o nome que se dá a uma complexa situação estratégica numa sociedade específica' para que essa escritura possa ser lida (1989, p. 189; grifo da autora).

Para Spivak (1989), noções abstratas como gênero, raça, etnicidade e classe são instrumentos que desenvolvem histórias alternativas, definidas pela diferença e transmitidas por discursos eurocêntricos e patriarcais. Tais noções são frutos da violência epistêmica sofrida pelos sujeitos subalternos, que tem como principal tática inviabilizar e expropriar o sujeito, ao silenciá-lo, e impedir qualquer possibilidade de representação. Sendo assim, segundo a autora, a manutenção da condição de oprimido em que a mulher se encontra é feita através do silêncio que lhe foi imposto.



A mulher, sendo a parte inferior de um duo, possui uma voz que não representa apenas o ser mulher, mas sim o que é ser mulher dentro de um determinado grupo, contexto, etnia ou classe. Spivak (1989) observa que a mulher é duplamente subalterna, pois além da subalternidade imposta pelo gênero, ela também sofre com a segregação advinda de sua classe, etnicidade e raça.

A cultura chicana é tradicionalmente patriarcal e extremamente opressora em relação à mulher. Ao investigarmos a formação do povo mexicano, é possível compreender que a razão da organização social da comunidade chicana advém do passado colonial do México. As mulheres indígenas eram escravizadas e violadas pelos colonizadores, frequentemente eram tomadas por eles como esposas e tornavam-se mães devotas para os filhos de seus agressores (LOBO, 2015). A objetificação e subordinação da mulher mexicana foram enraizadas em sua cultura, pois fizeram parte do processo de formação da nação, sedimentando a ideia de que a mulher deve servir ao homem e que esse é o único papel que lhe cabe dentro de sua comunidade.

No romance de Sandra Cisneros, *The House on Mango Street*, a protagonista e narradora Esperanza Cordero guia a narrativa apresentando ao leitor a história de diferentes mulheres que enfrentam todos os dias o fardo de serem mulheres no ambiente misógino do *barrio*. Como chicanas, a vida dessas personagens é extremamente limitada. Através da narrativa de Esperanza, é possível compreender o impacto que a imposição da ótica masculina exerce sobre a identidade das mulheres.

A cultura chicana excluía a voz da mulher, limitando o ponto de vista sobre a comunidade. As escritoras femininas enfrentaram muito preconceito e resistência para se fazerem ouvir dentro desse contexto. A condição de minoria étnica dos chicanos os reduz a um estado de subalternidade que encontra eco dentro da própria estrutura da comunidade. Nesse panorama, a obra de Cisneros ocupa um lugar de destaque, à medida que busca dar à mulher chicana um lugar de fala e suprir a necessidade representacional de um grupo étnico minoritário.



Ao colocar a mulher no centro de sua narrativa, Cisneros revela a posição de subalternidade em que a mulher chicana está situada em sua comunidade. Em uma entrevista, Cisneros diz que sua escrita busca confrontar os estereótipos que cercam a imagem da mulher latina, focalizando expor a força com que a mulher mexicana enfrenta as adversidades do ser mulher e ser latina.

Eu tenho que dizer que os papéis tradicionais são meio que um mito. Eu acredito que a mulher mexicana tradicional é uma mulher feroz. Tem muita vitimização, mas também somos ferozes. Nós somos muito ferozes. Nossas mães têm sido ferozes. Nossas mulheres podem ser vitimizadas, mas elas ainda são muito, muito ferozes e muito fortes. Eu realmente acredito nisso. (JUSSAWALLA & DASENBROCK apud SULTANA, 2009, p.27, tradução nossa)⁶.

Em um contexto em que a opressão feminina faz parte de um constructo considerado parte da tradição, Cisneros desafia as bases da cultura mexicana, suscitando a revolta pela parte masculina da comunidade chicana, que a considera uma traidora de *La raza*, incorporando a figura de *La Malinche*⁷. Sendo a comunidade chicana elementarmente patriarcal, ir contra tal hierarquia de gênero é equivale a ser antinacionalista. Cisneros foi acusada de ter se “anglicizado” (BOLAKI, 2007) e se afastado de suas raízes, crítica comumente feita às mulheres que se afastam dos padrões impostos pela hegemonia masculina.

O romance de Cisneros consiste em um misto de ficção e experiência, em que a voz da protagonista, Esperanza, funciona como um eco das vozes da comunidade chicana e da própria autora. O crítico Juan Rodríguez considerou que o desejo da protagonista do romance de escapar da realidade do *barrio* equivale a uma “desterritorialização de parentesco, amizade, grupo, comunidade e história” (apud BOLAKI, 2007, p.20, tradução nossa)⁸. Segundo Rodríguez, Esperanza rejeita sua comunidade em favor de uma vida mais fácil e confortável, mais anglo-

⁶“have to say that the traditional role is kind of a myth. I think that the traditional Mexican woman is a fierce woman. There’s a lot of victimization but we are also fierce. We are very fierce. Our mothers had been fierce. Our women may be victimized but they are still very, very fierce and very strong. I really do believe that.”

⁷La Malinche, figura mítica da indígena que teria traído seu povo ao se tornar amante e tradutora de Hernán Cortés, o conquistador do Império Asteca, Alarcón (1989).

⁸“Her deterritorialization from kinship, friendship, group, community, and history.”

americana. Porém, outros críticos consideram que a protagonista rejeita apenas o espaço físico do *barrio*. Os laços emocionais que Esperanza possui com sua comunidade, bem como os da própria Sandra Cisneros, são fortes e claros, embora ela não concorde com a assimetria entre gêneros estabelecida, logo, como escritora, Sandra Cisneros atua como uma ponte entre a cultura americana e a mexicana, tornando-se porta-voz da cultura chicana e de seus desafios, em especial a luta da mulher chicana contra as amarras do patriarcado.

As narrativas das comunidades chicanas oferecem uma perspectiva realista sobre como os chicanos estão deslocados dentro da sociedade anglo-americana. Na literatura, a comunidade chicana encontrou um espaço para questionamentos, interrogações, inclusive sobre as relações entre poder e sexo, que, por muito tempo, foram obliteradas pela força do patriarcado. A literatura chicana tornou-se não só uma ferramenta de resistência às imposições da cultura dominante, como também um meio de se rebelar contra a opressão oriunda da própria comunidade.

Como chicanas, a vida das personagens apresentadas pela protagonista, Esperanza, é extremamente limitada. Sendo vítimas de seu gênero, as mulheres chicanas não vislumbram muitas possibilidades para seu futuro. A crítica feminista Glória Anzaldúa (1987) afirma que “para a mulher da minha cultura costuma haver apenas três caminhos que ela pode seguir: o da igreja, como uma freira, o das ruas como uma prostituta, ou o da casa como mãe” (ANZALDUA, 1987, p 17, tradução nossa)⁹. Com a vida sendo limitada de tantas formas, estar de acordo com as expectativas da sociedade ou seguir o caminho considerado errado pela comunidade se revela igualmente desafiador.

A começar pela protagonista, é possível observar que seu nome a conecta a um passado de subjugação e passividade, que ela está decidida a não repetir, “Significa tristeza, significa espera” (CISNEROS, 1984, p.10, tradução

⁹“For a woman of my culture there use to be only three directions she could tum: to the Church as a nun, to the streets as a prostitute, or to the home as a mother.”

nossa)¹⁰. Sua avó, de quem Esperanza herdou o nome, foi objetificada e “domesticada” ao ser forçada a um casamento que lhe tomou a força que já tivera um dia: “Minha bisavó, eu teria gostado de conhecê-la, uma mulher como um cavalo selvagem, tão selvagem que não iria se casar. Até meu bisavô jogar um saco sob a cabeça dela e carregá-la. Bem assim, como se ela fosse um candelabro chique” (CISNEROS, 1984, p.11, tradução nossa)¹¹. A avó de Esperanza não teve alternativa a não ser se conformar com seu destino. Passou a vida enterrada no sofrimento pela liberdade que lhe fora roubada, ocupando como muitas mulheres um lugar à janela, testemunhando passivamente a vida que não pode ter.

Para as meninas chicanas, os deveres domésticos vêm na frente da educação, fazendo com que muitas abandonem a escola. Jovens e sem grandes perspectivas para o futuro, muitas chicanas buscam estabilidade financeira e segurança no casamento. Em troca, elas renunciam a uma independência e uma liberdade que de fato nunca possuíram. Para as chicanas, o casamento não oferece segurança ou conforto, ele atua como uma forma de legitimar a dominação e a violência masculina contra a mulher. Segundo Lobo (2015), a opressão da mulher, bem como os valores que normatizam a violência sofrida por ela, influencia a sua autopercepção, tornando extremamente difícil que tal círculo vicioso seja rompido.

As crianças tampouco estão salvas do peso de seu gênero. Esperanza relata duas ocasiões em que sofre assédio, na primeira ocasião, ela e suas amigas são assediadas por um mendigo por estarem usando sapatos de salto. As meninas rapidamente decidem se livrar dos sapatos, “Estamos cansadas de ser bonitas” (CISNEROS, 1984, p.42, tradução nossa)¹². Nesse momento, elas percebem o perigo de atrair o interesse masculino. Algo similar ocorre quando Esperanza adquire seu primeiro emprego e acaba sendo beijada à força por um homem mais velho no ambiente de trabalho: “[...] ele era tão velho e quando eu estava prestes a

¹⁰“It means sadness, it means waiting.”

¹¹“My great-grandmother. I would’ve liked to have known her, a wild horse of a woman, so wild she wouldn’t marry. Until my great-grandfather threw a sack over her head and carried her off. Just like that, as if she were a fancy chandelier.”

¹²“We are tired of being beautiful.”

colocar meus lábios na bochecha dele, ele agarra meu rosto com as duas mãos e me beija com força e não solta” (CISNEROS, 1984, p.55, tradução nossa)¹³. Nas ocasiões citadas, fica claro o fato de que as meninas não estão seguras na comunidade, embora sejam ainda crianças, nas duas ocasiões, as meninas não são vistas como tal. Andalzúa (1987) aponta que as matriarcas das comunidades chicanas orientam suas filhas a nunca confiar em homens, nem mesmo os de sua família. A inocência e a falta de experiência das meninas não as isentariam da culpa que recairia sobre elas pelos atos dos homens em questão, pois a cultura chicana acredita que é um dever da mulher se proteger.

Enquanto as meninas têm uma criação mais rígida, em que aprendem a cuidar da casa, cozinhar e são isoladas dos homens, para preservar sua pureza, os meninos recebem um tratamento diferente. A criação dos homens é mais flexível, eles têm livre acesso ao meio público, não ficam confinados em casa, têm direito a desfrutar de liberdades que seriam a ruína para uma mulher chicana, como: a sexualidade sem restrições. Da mulher, se exige a castidade, fidelidade, submissão, silêncio, o casamento e a maternidade; do homem não se espera moralidade e ele nunca será punido se tiver muitas parceiras ou se abandonar a esposa e os filhos; ele sempre terá voz e poder sobre a mulher, sejam elas suas irmãs, filhas ou esposas. Do homem chicano, só é exigida a lealdade à comunidade.

Em seu romance, Cisneros não aponta apenas os perigos internos aos quais a mulher chicana está exposta. Em *Red Clowns*, Esperanza narra um evento traumático: um estupro do qual é a vítima. Ela é abordada por um rapaz que a chama de “garota espanhola”, o que dá a entender que ele não faz parte da comunidade chicana. Para o rapaz, a etnia de Esperanza a põe em uma posição inferior que o autoriza, como parte da cultura dominante, a tratá-la como um mero objeto (MACIEL, 2007).

A mulher chicana não apenas é vítima das adversidades impostas ao seu gênero como também recebe a culpa por elas. Se tenta escapar do destino de

¹³“[...] he was so old and just as I was about to put my lips on his cheek, he grabs my face with both hands and kisses me hard on the mouth and doesn't let go.”

subjugação e violência, ela é considerada uma traidora dos valores de sua cultura. Se segue os caminhos impostos pela tradição, ela sofre com uma violência legitimada nos alicerces sexistas da comunidade e é condenada ao silêncio por ocupar uma posição duplamente subalterna, por seu gênero e etnia, pois se não está a salvo no *barrio*, fora dele, a mulher chicana é marginalizada pela cultura dominante que se entende como superior.

A história das mulheres de *Mango Street* influencia profundamente a percepção da protagonista sobre si mesma e sobre a sua comunidade, bem como o desejo que guia Esperanza durante todo o romance: o anseio por uma casa. Seu desejo reflete um anseio por segurança, privacidade, independência e pertencimento.

É possível notar que a casa constitui uma imagem recorrente no romance e assume múltiplos significados, concretos e metafóricos. Para a mulher chicana, uma casa nem sempre significa um lar. Para a protagonista do romance, o desejo de possuir uma casa é um reflexo do seu sentimento de deslocamento, que se intensifica e se transforma à medida que ela tem contato com a realidade de mulheres que, como ela, não se sentem bem onde vivem.

Para Esperanza, a busca por uma casa significa a busca de uma identidade, um eu de quem ela possa se orgulhar: “Eu soube ali que eu tinha que ter uma casa. Uma casa de verdade. Uma que eu pudesse apontar. Mas não era essa. A casa na Rua Mango não era essa” (CISNEROS, 1984, p. 5, tradução nossa)¹⁴. Esperanza mora em Chicago, em uma comunidade chicana, o *barrio*, um lugar marginal, onde há pobreza e criminalidade. A casa que seus pais compraram em *Mango Street* não é o que os pais prometeram, nem o que Esperanza sonhou. No romance, quando a freira desdenha o aspecto da casa de Esperanza, ela assume a ofensa para si, para a sua etnia e sua comunidade. Sente vergonha de si mesma e deseja ser outra pessoa; outra Esperanza, com um novo nome.

¹⁴“I knew then I had to have a house. A real house. One I could point to. But this isn’t it. The house on Mango Street isn’t it.”

A pré-adolescência permite que a protagonista tenha um olhar diferenciado sobre o ambiente a sua volta. Ela observa atentamente o desenrolar da vida de seus vizinhos e aprende com os erros deles. A ausência de um sentido de pertença faz com que a protagonista se sinta cada vez mais deslocada e solitária, aumentando sua necessidade de encontrar o seu próprio lar: “Eu não me encaixo. Eu não quero nem ser daqui” (CISNEROS, 1984, p. 106, tradução nossa)¹⁵.

Para Esperanza, a questão da casa passa a não ser mais apenas uma questão emocional, pois percebe que ter uma casa só dela também significa ter independência e ser livre para ser o que desejar. Esperanza descobre que não concorda com as regras ditadas pela comunidade e se nega a seguir pelo caminho destinado às mulheres chicanas, mesmo que isso a transforme em uma transgressora.

As mulheres de *Mango Street* mostram a Esperanza que um homem não pode libertá-las do regime imposto pela cultura chicana. Enquanto Esperanza ainda é apenas uma adolescente, ela busca na escrita o consolo para a impotência que sente por não ter o poder de mudar a sua realidade: “Não tem nada que Eu possa fazer” (CISNEROS, 1984, p. 85, tradução nossa)¹⁶.

Para que possa se tornar uma escritora e narrar a sua história, Esperanza precisa de um espaço só dela, não o quarto que ela divide com sua irmã mais nova, Nanny. Woolf (1928) associa o exercício da escrita à liberdade e à autonomia, pois acredita que a mulher necessita ter seu próprio espaço e privacidade para escrever, para que possa ter liberdade intelectual e emocional. Sem censura, a mulher pode se expressar verdadeiramente. A casa de Esperanza não fornece o espaço e a privacidade necessários para que a criatividade da protagonista aflore.

Ao entender suas limitações, Esperanza se torna capaz de construir sua própria identidade. Ela se liberta das noções estáticas e opressoras da cultura chicana e finalmente se liberta para construir sua própria casa “limpa como papel

¹⁵“I don’t belong. I don’t ever want to come from here.”

¹⁶“There is nothing I can do.”

antes do poema” (CISNEROS, 1984, p.108, tradução nossa)¹⁷, um lugar seguro, onde ela pode criar sem o peso das regras impostas pelas culturas em que transita.

Para os grupos minoritários e subalternos, a escrita oferece um meio de expor uma visão de si mesmos que desarma discursos hegemônicos e excludentes. A narrativa feminina, assim como a crítica literária feminina, permite que a mulher possa expor sua pluralidade, mostra que nenhuma mulher é igual a outra e lhe dá o poder de romper com os estereótipos definidos por um discurso único. A escrita devolve para a mulher a voz que lhe foi negada, e assim ela desabilita a representação que a cultura dominante atribui ao sexo feminino. A linguagem, como veículo pelo qual os discursos hegemônicos disseminam histórias alternativas, é nesse caso subvertida pelas minorias para oferecer um meio de representação que rompe com tais discursos, e, aos poucos, inviabiliza a organização social hierárquica que se sustenta sobre uma base discriminatória. Nesse sentido, a produção feminina atua como um mecanismo social de desconstrução de mitos, leva a um questionamento sobre as políticas excludentes e opressivas que afetam uma grande parcela da população mundial.

Os contextos sócio-históricos, econômicos e raciais são os responsáveis por posicionar o sujeito na esfera social. A questão do gênero não pode ser lida em separado desses outros elementos que definem os sujeitos. Gênero enquanto construção cultural se baseia na diferenciação biológica entre homens e mulheres, essa distinção feita através dos papéis sexuais desempenhados pelos sujeitos é a responsável por legitimar o argumento de que o homem é superior à mulher.

Muito embora os estudos pós-coloniais tenham tentado desconstruir o discurso eurocêntrico, deslocando o foco para os sujeitos subalternos, muitas comunidades se apegam às suas tradições, como um modo de resistir à homogeneização.

Tendo sofrido uma opressão histórica, enquanto parte de uma minoria étnica, os chicanos reproduzem a opressão de que foram vítimas, direcionando-as às mulheres, como forma de manutenção da masculinidade e do poder (LOBO,

¹⁷“Clean as paper before the poem.”



2015), descontando nelas a humilhação e a frustração que sentem, tornando a mulher chicana um sujeito oprimido dentro e fora da comunidade chicana.

Se o homem chicano busca empoderamento através da opressão da mulher, a mulher chicana se empodera rompendo seu silêncio. *The House on Mango Street*, de Sandra Cisneros, apresenta um sujeito híbrido e pós-moderno, Esperanza Cordero, que, ao resistir às regras impostas às mulheres chicanas, se torna uma escritora e denuncia a corrupção e a opressão vivenciada pelas mulheres de sua comunidade. Rompendo com o silêncio imposto à mulher.

Referências

ALARCÓN, Norma. Tradutora, traditora: A paradigmatic figure of Chicana feminism. **Cultural Critique**, n. 13, p. 57-87, 1989.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera – The New Mestiza**. Ed. 1, San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

BERLATTO, Odir. A construção da identidade social. **Revista do Curso de Direito da FSG**, Caxias do Sul, v.3, n. 5, p. 141-151, jan/jun de 2009.

BOLAKI, Stella. Weaving Stories of Self and Community through Vignettes in Sandra Cisneros's *The house on Mango Street*. In: HARDE, Roxanne (Ed.). **Narratives of Community: Womens Short Story Sequences**. Cambridge Scholars Publishing, 2009.

CARREIRA, Shirley de S. G. Representações do processo de aculturação de imigrantes em *The House on Mango Street* e *Inferno-céu*. **E-escrita**, Revista do curso de Letras UNIABEU, Nilópolis, v.8, n.1, pp. 122-135, Jan/Abr de 2017.

CISNEROS, Sandra. **The house on Mango Street**. New York: Vintage Books, 1984.

DEAR, M; BURRIDGE, A. Cultural integration and hybridization at the United States-Mexico borderlands. **Cahiers de géographie du Québec**, v. 49, n. 138, p. 301-318, 2005.

DIAS, D.; NASCIMENTO, M. T. M. Hibridismo: Característica da identidade e representação em *Capitães de areia*, de Jorge Amado. **Abralic XIV.**, 2014 Anais...Belém: 2014.



HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10ª Ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

LOBO, Patrícia Alves de Carvalho. **Chicanas em busca de território: A herança de Gloria Anzaldúa**. 442 p. Tese de doutoramento em Estudos de Literatura e de Cultura. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa, 2015.

MACIEL, Adriana Macedo Nadal. **Spice in the melting pot: The house on Mango Street, de Sandra Cisneros e How The García girls lost their accents, de Julia Alvarez**. p. 108. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2007.

NEZ, Ana Arellano. **Consciousness and Resistance in Chicano Barrio Narratives**. 179 p. 2016. Dissertation (Doctor of Philosophy in Comparative Literature), University of California, Santa Barbara. Disponível em: https://cloudfront.escholarship.org/dist/prd/content/qt0k49h5ds/qt0k4_9h5ds.pdf?t=prkkwu. Acesso em: 29 de abr. 2019

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

SPIVAK, Gayatri. Quem reivindica alteridade? Trad. Patricia Silveira de Farias. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 189-205

SULTANA, Rajia. **In Search of "Self" in The House on Mango Street**. p. 38, 2012. Dissertation (M. A. in English), East West University, 2012.

VICHIENSING, Matava. **Investigating 'Othering' in Sandra Cisneros's The House on Mango Street**. International Journal of Applied Linguistics and English Literature, AIAC, Australia, v., n. 2, p. 52, feb, 2018.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do livro S.A., 1928.

Recebido em: 20/07/2020

Aceito em: 20/10/2020